

LEITURA E PRÁTICAS BRINCANTES PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: EXPLORANDO HERANÇAS AFRICANAS NA ESCOLA

Ana Gabriela Nunes Fernandes¹;

¹ Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campo Maior, Piauí, Brasil.
anagabriela@cpm.uespi.br

Vilmara da Silva²

² Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campo Maior, Piauí, Brasil
vilmarasilva@cpm.uespi.br

Maria Nynna Oliveira Brito³

³ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campo Maior, Piauí, Brasil.
mariabrito098@aluno.uespi.br

Emanuelle Rodrigues Moreira⁴

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campo Maior, Piauí, Brasil.
emanuellerodriguesm@aluno.uespi.br

Introdução

A publicação da Lei nº 10.639/2003 retrata um marco na educação brasileira ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar. Esta lei evidencia a necessidade da luta contra as desigualdades raciais historicamente estruturadas no país e também reafirma a importância que as instituições escolares têm na valorização das matrizes africanas que constituem a identidade nacional.

No campo das relações étnico-raciais, Kabengele Munanga (2008) destaca que o enfrentamento do racismo exige a revisão das bases simbólicas que sustentam preconceitos naturalizados. Para o autor, a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições escolares contribui para a garantia da autoestima de estudantes negros e formam sujeitos críticos e respeitosos.

É nesse cenário que se insere o presente trabalho, vinculado a um programa institucional de bolsas em extensão universitária (PIBEU), desenvolvido pelas autoras, com o objetivo de analisar a contribuição de práticas pedagógicas que utilizam a literatura afro-brasileira para o processo de constituição identitária de estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. A proposta fundamenta-se na compreensão da literatura como um importante elemento formativo que amplia o contato com aspectos culturais, promove reflexões sobre realidades diversas e favorece o reconhecimento das matrizes africanas presentes na constituição linguística e cultural do Brasil.

Ao articular leitura, ludicidade e reflexão crítica, as ações desenvolvidas buscaram partir dos estereótipos apropriados pelos alunos acerca do continente africano e ampliar essas noções, evidenciando a diversidade geográfica, linguística e cultural do referido continente, bem como trazer para o cotidiano dos estudantes aspectos ligados à linguagem oral e escrita, que é um dos focos do nosso projeto. Nesta perspectiva, o trabalho buscou promover o desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a educação para as relações étnico-raciais e com a valorização da identidade no contexto escolar, por meio da literatura e da cultura lúdica.

Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza como um relato de experiências de natureza qualitativa, desenvolvida diretamente no âmbito de um projeto extensionista, com estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. A proposta metodológica se fundamenta, principalmente, em uma perspectiva crítico-reflexiva, visto que está alinhada às discussões sobre educação para relações étnico-raciais, valorização da identidade e incorporação de epistemologias afro-brasileiras no contexto escolar.

As ações foram organizadas de maneira sequencial, articulando leitura literária, práticas lúdicas, exploração geográfica e produção artística, tendo em foco a ampliação das concepções dos estudantes a cerca do continente africano e de suas contribuições para a formação cultural brasileira.

Inicialmente, realizamos a contação da história “Quanta África tem no dia de alguém?”, da autora Renata Fernandes (2022), promovendo então um momento de escuta sensível e diálogo coletivo com os alunos. A narrativa possibilitou reflexões sobre heranças linguísticas africanas que estão presentes no cotidiano dos alunos, favorecendo então, a problematização de estereótipos e a ampliação do repertório cultural dos estudantes.

Para a aprofundação na temática, utilizamos músicas de origem africana, incentivando os alunos a identificarem possíveis elementos característicos, como ritmo, instrumentos e sonoridade. Uma estratégia que buscou desenvolver a percepção estética e cultural, além de estimular a participação ativa e o reconhecimento da diversidade musical do continente africano.

Também trabalhamos com o mapa mundi, promovendo a localização espacial da África, e destacando-a como um continente que é composto por múltiplos países, línguas, dialetos e manifestações culturais. Essa etapa teve o objetivo de desconstruir a visão homogênea frequentemente associada ao continente, o que evidenciou sua pluralidade geográfica e sociocultural.

Para a continuidade das atividades, também exploramos palavras do cotidiano da língua portuguesa que possuem origens africanas, incentivando os alunos a identificá-las em seu vocabulário diário. Durante essa prática, pôde-se articular oralidade escrita, fortalecendo o reconhecimento das matrizes africanas na constituição linguística brasileira.

Após esses momentos, os estudantes foram convidados a produzir autorretratos, como uma forma de valorização da identidade, da autoimagem, e principalmente das diferenças individuais de cada um. A atividade buscou promover o reconhecimento positivo de si e do outro, consolidando as reflexões desenvolvidas ao longo do percurso formativo.

A referida proposta metodológica fundamenta-se na compreensão da aprendizagem como processo social, culturalmente mediado e intencionalmente organizado. Nesse sentido, as contribuições de Vygotsky (1998) oferecem suporte teórico consistente, ao defender que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social e da mediação simbólica. Para o autor, a aprendizagem antecede e impulsiona o desenvolvimento, sendo os instrumentos culturais, como a linguagem, a música, os símbolos, elementos centrais nesse processo. Assim, a utilização da literatura, da música, do mapa e da produção artística como recursos pedagógicos constituiu-se como importantes mediadores, possibilitando que os estudantes ressignificassem suas concepções sobre o continente africano a partir de experiências compartilhadas.

Além disso, a proposta ancora-se nas reflexões de Nilma Lino Gomes (2003), que enfatiza a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a educação das relações étnico-raciais e com a valorização das matrizes africanas na formação da identidade brasileira.

Para a autora, o trabalho pedagógico deve promover o reconhecimento positivo da diversidade, superando visões estereotipadas e contribuindo para a construção de identidades afirmativas. Nessa perspectiva, atividades como a identificação de palavras de origem africana,

a problematização cultural e a produção de autorretratos configuram-se como estratégias que articulam conhecimento e valorização identitária.

Resultados e discussão

A sequência didática desenvolvida evidenciou avanços significativos na ampliação das concepções dos estudantes acerca do continente africano e de suas contribuições para a formação cultural brasileira. A partir da contação da obra “Quanta África tem no dia de alguém?”, de Renata Fernandes (2022), observou-se maior engajamento dos alunos nas rodas de conversa, com participação ativa e manifestações que demonstraram reconhecimento de elementos africanos presentes em seu cotidiano. A escuta sensível e o diálogo favoreceram a problematização de estereótipos ainda presentes no imaginário infantil.

Gomes defende que a educação para as relações étnico-raciais deve promover a desconstrução de visões estigmatizadas e possibilitar o reconhecimento positivo das matrizes africanas na constituição da identidade brasileira. Desse modo, ao reconhecer palavras, músicas e costumes de origem africana em seu cotidiano, os estudantes passaram a perceber a África não como uma realidade distante e homogênea, mas como parte constitutiva de sua própria história.

A exploração musical revelou-se também um importante recurso pedagógico. Durante a escuta das músicas de origem africana, os alunos identificaram ritmos, instrumentos e padrões sonoros diferenciados, ampliando sua percepção estética e cultural. Esse processo está em consonância com as contribuições de Vygotsky (1998), que compreende a aprendizagem como fenômeno social e culturalmente mediado. A música atuou como instrumento simbólico capaz de promover novas significações e ampliar o repertório dos estudantes.

No momento de exploração do mapa-múndi, a atividade de localização espacial da África favoreceu a compreensão de que se trata de um continente vasto e diverso, composto por múltiplos países, línguas e culturas. Essa abordagem contribuiu para desconstruir a visão homogênea frequentemente associada ao continente. Conforme destaca Kabengele Munanga (2008), um dos desafios da educação brasileira é superar representações simplificadas e eurocentradas, reconhecendo a complexidade histórica e cultural africana.

A atividade de identificação de palavras de origem africana no vocabulário cotidiano promoveu a articulação entre oralidade e escrita, fortalecendo a consciência linguística e histórica dos estudantes. Esse exercício permitiu que percebessem a língua portuguesa como resultado de múltiplas influências, reforçando a ideia de pertencimento cultural. Nessa perspectiva, a prática pedagógica também se aproxima das discussões de Paulo Freire, ao compreender a linguagem como prática social e instrumento de leitura crítica do mundo.

Em continuidade, a produção dos autorretratos revelou-se um momento de síntese da proposta. Observou-se maior valorização das características individuais, como tonalidade da pele, textura dos cabelos e traços físicos, ao manusearem os lápis com diversos tons de pele e buscarem um que os representasse. A atividade contribuiu para o fortalecimento da autoimagem e para o respeito às diferenças, aspectos fundamentais no processo de constituição identitária. À luz de Wallon (2007), afirmamos que a construção da identidade está intrinsecamente ligada às interações sociais e às experiências afetivas. Desse modo, a valorização positiva das diferenças mostrou-se essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.

De modo geral, os resultados indicam que a integração entre literatura, música, geografia, linguagem e arte potencializou a aprendizagem de forma interdisciplinar, promovendo não apenas a ampliação do conhecimento sobre a África, mas também reflexões acerca da identidade e da diversidade cultural.

Conclusões

A proposta pedagógica desenvolvida demonstrou que abordagens interdisciplinares e culturalmente situadas são fundamentais para a construção de uma educação comprometida com a valorização das matrizes africanas e com a formação de identidades. Ao articular leitura literária, práticas lúdicas, exploração geográfica e produção artística, foi possível favorecer aprendizagens cognitivas, culturais e sociais de forma integrada.

Os resultados evidenciam que, quando a África é apresentada em sua pluralidade histórica e cultural, os estudantes ampliam suas concepções, superam visões estereotipadas e reconhecem sua presença constitutiva na cultura brasileira. Além disso, práticas que promovem o reconhecimento das origens africanas na língua, na música e nos costumes cotidianos fortalecem o sentimento de pertencimento e contribuem para uma formação mais crítica e inclusiva.

Conclui-se que ações pedagógicas intencionais, fundamentadas teoricamente e alinhadas à valorização da diversidade, constituem-se como estratégias potentes para o enfrentamento do racismo estrutural e para a promoção de uma educação antirracista desde a infância. A experiência reforça a importância de práticas que integrem conhecimento, sensibilidade e reflexão crítica, consolidando a escola como espaço de construção de identidades plurais e de respeito às diferenças.

Palavras-Chave: Leitura. Ludicidade. Educação das Relações Étnico-raciais. Práticas pedagógicas. Identidade.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- FERNANDES, Renata. *Quanta África tem no dia de alguém?* Ilustrações de Fernanda Rodrigues. 1. ed. Jandira: Ciranda Cultural, 2022
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167–182, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.